

**Olhares sobre o moderno:  
a metrópole nas visões de Charles Baudelaire e João do Rio**

DAYANE DA SILVA NASCIMENTO<sup>1</sup>

A presente pesquisa em fase de desenvolvimento pelo Programa de Pós Graduação em História Social da Cultura da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, busca compreender as representações do mundo moderno, bem como as possíveis interrelações existentes entre as obras de Charles-Pierre Baudelaire e João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, conhecido como João do Rio. O primeiro, francês (1821-1867), tem as ruas de Paris do século XIX, marcada por mudanças ideológicas e materiais, como cenário para sua arte. O segundo, carioca (1881-1921), narra através de suas crônicas a “alma encantadora das ruas” do Rio de Janeiro.

Partindo da análise cuidadosa das principais obras desses dois instigantes autores, procurarei compreender o que para eles significou o advento da modernidade, buscando perceber os possíveis pontos de convergência, onde suas interpretações se distanciavam e, sobretudo, o que sentiam, temiam e buscavam diante do mal-estar de viver num mundo onde “tudo que é sólido desmancha no ar”.

A escolha de Baudelaire e João do Rio como objeto de estudo resulta da curiosidade advinda dos inevitáveis paralelismos existente entre suas obras, sobretudo no que diz respeito à modernidade. Apesar da diferença de espaço, tempo e estilo, ambos “são movidos, ao mesmo tempo, pelo desejo de mudança – de autotransformação e de transformação do mundo ao redor – e pelo terror da desorientação e da desintegração da vida que se desfaz em pedaços” (BERMAN, 2001:21). Ao se perceberem diante de um mundo novo, tanto João do Rio quanto Charles Baudelaire vislumbravam a metrópole moderna como um lugar de fascínio e melancolia.

Fascínio, ao oferecer oportunidades nunca antes sonhadas como a sensação prazerosa e inspiradora de estar envolto pela multidão, de caminhar tal como um *flâneur* incógnito e anônimo pelas ruas, mergulhando sem propósito na paisagem urbana, na

---

<sup>1</sup> Programa de Pós Graduação em História Social da Cultura – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

solidão da multidão. Melancolia, porque essa sensação do moderno vem acompanhada de medo, choque, mal-estar e uma profunda angústia oriunda da constante tensão que se movimenta entre a decadência e o progresso.

Ao conceituá-los como modernos, o fizemos levando em consideração a concepção de modernidade de Marshall Berman. Para ele, a modernidade seria um tipo de experiência vital, de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, que anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologias, unindo nesse sentido, toda a espécie humana.

*Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos (BERMAN, 2001:24)*

Tendo esta “experiência moderna” caráter especificamente urbano, a *cidade* com seus atrativos e horrores – sendo o esconderijo do criminoso ou o asilo do amor que foge ao poeta – é o personagem central de quase todos os seus trabalhos. Nesse sentido, a rua, a multidão, o mergulho na massa da cidade grande constitui-se não apenas como fonte de inspiração ou paisagem, mas como condição imprescindível para a relação com o novo e o viver modernos. Na crônica intitulada *A Rua* João do Rio afirma: “Nas grandes cidades a rua passa a criar o seu tipo, a plasmar o moral de seus habitantes, a inocular-lhes misteriosamente gostos, costumes, hábitos, modos, opiniões, políticas” (RIO,1997:12). De modo semelhante, em *Les foules*, assim faz Baudelaire seu elogio à multidão:

*O andarilho solitário e pensativo tira uma embriaguez singular desta universal comunhão. Quem desposa facilmente a massa conhece gozos febris, dos quais serão eternamente privados os egoístas, trancados como um cofre, e o preguiçoso, internado como um molusco. Ele adota como suas todas as profissões, todas as alegrias e todas as misérias que a circunstância lhe apresenta. (BAUDELAIRE, 2010:69)*

O poeta francês Charles Baudelaire, viveu na Paris oitocentista durante a reforma urbana, tendo seus melhores trabalhos, pertencido exatamente ao período em que, sob a autoridade de Napoleão III e a direção de Haussmann, a cidade estava sendo remodelada e reconstruída de forma sistemática. Como bem o percebeu Marshall Berman:

*Ele [Baudelaire] pôde ver-se não só como um espectador, mas como participante e protagonista dessa tarefa em curso; seus escritos parisienses expressam o drama e o trauma aí implicados. Baudelaire nos mostra algo que nenhum escritor pôde ver com tanta clareza: como a modernização da cidade simultaneamente inspira e força a modernização da alma dos seus cidadãos (BERMAN, 2001:177)*

Da mesma forma, o Rio de Janeiro de João do Rio é o Rio das inúmeras transformações urbanas oriundas das reformas do governo Rodrigues Alves (1902-1906). A capital federal, tendo como modelo a França, modernizava-se, “assistia-se à transformação do espaço público, do modo de vida e da mentalidade carioca, segundo padrões totalmente originais; e não havia quem se lhe pudesse opor” (SEVCENKO, 1985: 81). É nesse clima um tanto caótico, que nasce a obra de João do Rio. Como ele mesmo explica na introdução do livro *Vida Vertiginosa*:

*Este livro como quantos venho publicando, tem a preocupação do momento [...]. O seu desejo ou a sua vaidade é trazer uma contribuição de análise à época contemporânea, suscitando um pouco de interesse histórico sob [sic] o mais curioso período da nossa vida social, que é o da transformação atual de usos, costumes e idéia (RIO: 1911).*

Uma primeira aproximação que podemos fazer desses dois autores seria a caracterização de ambos como decadentistas, no sentido de que estavam envoltos numa certa “atmosfera decadentista”. A partir da segunda metade do século XIX, em especial para aqueles que associavam decadência a declínio, a sociedade *fin de siècle* apresentava-se, nos termos utilizados por Severine Jouve, como “uma sociedade para a qual o horizonte histórico havia se fechado sobre si mesmo, ou o futuro parecia interromper-se” (JOUVE, 2008). Dessa forma, o sentimento de cansaço, a atitude *blasé*,

a vaga ideia de algo que morre, de um mundo em decomposição, configura-se entre as preocupações dos decadentes. Nesse contexto, a descrição feita por Anatole Baju acerca da escola decadente, parece traduzir o sentimento presente tanto nos escritos de Baudelaire quanto nos de João do Rio:

*Nossa época não está doente; ela está cansada, está sofrendo enfadada. [...] É no isolamento e mesmo entre a multidão, quando o pensador, abstraindo os seres materiais que se movem ao seu redor, se precipita na solidão de seu espírito numa contemplação sintética do mundo, que este spleen imenso, tão terrível, o invade e o força a manifestar aspirações em direção ao nada, humilhantes para ele, desonrosas para a divindade. Oh! Então sofre intensamente esta doença atroz [...] e o desgosto de existir como um autômato movido por um poder cego se traduz em seus escritos e confere à literatura decadente esta forma grave ou alegre, segundo exale a amargura de suas queixas ou a ironia amarga de seu intolerável desespero (BAJU, 1989).*

Segundo P. Bourget, Baudelaire teve a coragem de, ainda jovem, “proclamar-se decadente e procurou tudo o que na vida e na arte parece mórbido e artificial às naturezas mais simples” (BOURGET, 1989). De acordo com Walter Benjamin, esse *spleen* pode ser traduzido por “melancolia”, acertando assim no significado essencial do ideal em Baudelaire, que consistiria num sentimento de catástrofe em permanência onde, precisamente porque sabia que seu sofrer, o *taedium vitae*, é ancestral, ele podia nele distinguir, de maneira mais exata, a assinatura de sua própria experiência, e o fazia:

*Perdido neste mundo vil, acotovelado pelas multidões, sou como o homem fatigado cujos olhos não vêem no passado, na profundidade dos anos nada além do desengano e da amargura, e, à sua frente, senão a tempestade, onde não está contido nada de novo, nem ensinamentos nem dores (BAUDELAIRE, 1931/1932:641).*

De modo análogo, a leitura que João do Rio faz de seu tempo é a de um “tempo geral de decadência, no qual, plasmando-se na própria tristeza, o literato nada conhece ou dá a conhecer, oferece apenas poesia do que vê e experimenta na cidade, cravando na

retina do leitor as impressões, as sensações e os traumatismos que a cidade lhe causa” (CAMILOTTI, 2008:140).

E é essa concepção de um universo que desencanta, desse mal-estar experimentado pelo indivíduo, que permite a João do Rio lançar uma ponte entre o Rio e a realidade européia. Segundo Virgínia Camilotti, “a apropriação da noção de decadência, que define todo o ocidente num único tempo, se conecta em João do Rio, necessariamente, com a noção de que o mundo é uma grande Cosmópolis”, afinal, como ele mesmo afirma em *Vida Vertiginosa*: “Uma Paris vale por uma Londres, que vale uma Lisboa ou um Rio de Janeiro. Conhecer uma é conhecer todas” (RIO, 1911:104).

Os poetas fundadores da modernidade, segundo Irlemar Chiami (CHIAMI, 1991), para serem modernos, tiveram que ser anti-modernos. Nesse sentido, nem Baudelaire, nem João do Rio estabeleceram uma relação apaziguada com sua época. Por vezes em suas obras a crítica à modernidade vai da ferocidade explícita à ironia debochada, na qual a imagem da metrópole moderna é sempre a de um lugar surpreendente e cruel. Se a primeira vista os percebemos deslumbrados pelo brilho do novo, um olhar mais profundo e cuidadoso demonstra uma quase prioridade de temas como o vício, a pobreza, a sujeira, a prostituição. Como bem o disse Théophile Gautier sobre Baudelaire:

*Ninguém sentiu um mais altivo desgosto pelas torpezas do espírito e as feiúras da matéria [...] se frequentemente tratou de assuntos hediondos, repugnantes e doentios, foi por esta espécie de horrores e de fascinação que faz descer o pássaro magnetizado para a goela impura da serpente [...] Se seu buquê se compõe de flores estranhas, de cores metálicas, de perfume vertiginoso [...] ele pode responder que quase não nascem outras no húmus negro e saturado de podridão (GAUTIER, 1989).*

Para Marcos Guedes Veneu, os “vícios e aberrações” tematizados por João do Rio, são reveladores da preocupação do autor em focalizar o “mal-estar da civilização” ou o mal-estar da modernidade, compreendendo o progresso como uma “utopia ambígua”:

*Seria entretanto um erro considerar João do Rio apenas um entusiasta do progresso metropolitano. Fascinado, sem dúvida, ele foi, mas em seus lábios*

*o “sorriso da sociedade” se transforma facilmente em esgar nervoso. O progresso é em João do Rio uma utopia ambígua, ao mesmo tempo sedutora e destruidora como as “flores do mal” de Baudelaire (VENEU, 1990: 229-243).*

Para Walter Benjamin (BENJAMIN, 1989:177), o fato de Baudelaire ter se colocado hostilmente contra o progresso constituiu-se condição imprescindível para que pudesse dominar Paris em sua poesia, e explica:

*É muito importante que o novo em Baudelaire não preste nenhuma contribuição ao progresso. É sobretudo, a crença no progresso que ele persegue com seu ódio como se ela fosse uma heresia, uma falsa doutrina e não um erro habitual. [grifo nosso]*

Essa *crença no progresso* identificada por Benjamin refere-se, sobretudo a luta que Baudelaire trava contra a confusão existente entre *progresso material* e *progresso espiritual*. Sendo o primeiro referente às inovações tecnológicas e o segundo ao belo e a arte. Sobre essa confusão Baudelaire é categórico:

*[...] tome-se qualquer bom francês, que lê seu jornal, no seu café, pergunte-se a ele o que entende por progresso, e ele responderá que é o vapor, a eletricidade e a luz do gás, milagres desconhecidos dos romanos, testemunho incontestável de nossa superioridade sobre os antigos. Tal é o grau de escuridão que se instalou nesse cérebro infeliz! (Art in Paris, 1855:121-9)*

Outra forma de resistência à modernidade presente em Baudelaire consiste no que ele chamou de a “experiência do choque”. No âmago do seu trabalho artístico, a imagem do choque encontra-se intimamente ligada ao contato com as massas urbanas. O caminhar nos *boulevares*, o gesticular da multidão, a desordem do tráfego, o existir na metrópole de uma maneira geral, implicava uma série de choques e colisões, tanto físicas quanto psicológicas, para cada indivíduo. Segundo Benjamin, Baudelaire fala do homem que mergulha na multidão como em um tanque de energia elétrica, e, logo depois, descrevendo a experiência do choque, ele chama esse homem de “um caleidoscópio dotado de consciência” (BENJAMIN, 1989:125). E comparando a natureza com o mundo civilizado questiona:

*O que são os perigos da floresta e da pradaria comparados com os choques e conflitos diários do mundo civilizado? Enlace sua vítima no bulevar ou transpasse sua presa em florestas desconhecidas, não continua sendo o homem, aqui e lá, o mais perfeito de todos os predadores? (BAUDELAIRE, 1931-1932:637)*

E é no seio da multidão, na vivência constante do choque que nasce a figura do *herói* para Baudelaire. O seu herói é o lutador escravizado nas fábricas, é o trapeiro, a prostituta, o artista, é o verdadeiro objeto da modernidade. Para ele, aquilo que o trabalhador assalariado executa no labor diário não é nada menos do que, na antiguidade, trazia glória e aplauso ao gladiador, o que significaria dizer que, para viver a modernidade, é preciso possuir uma constituição heróica. E assim descreveu o pano de fundo no qual se destaca o perfil do herói:

*Não importa o partido a que se pertença – escreve Baudelaire em 1851 – é impossível não ficar emocionado com o espetáculo dessa multidão doentia, que traga a poeira das fábricas, inspira partículas de algodão, que se deixa penetrar pelo alvaide, pelo mercúrio e todos os venenos usados na fabricação de obras-primas... Essa multidão se consome pelas maravilhas, as quais, não obstante, a Terra lhe deve. Sente borbulhar em suas veias um sangue púrpura e lança um olhar demorado e carregado de tristeza à luz do Sol e às sombras dos grandes parques (BAUDELAIRE, 1931-1932:637).*

Diante dessas tensões modernas, uma saída comum encontrada por Baudelaire e João do Rio é a entrega à *flânerie*. Travestidos de flâneur, se deixam levar pela “multidão doentia”, tornam-se incógnitos, fazem das ruas sua casa usufruindo de seus prazeres e horrores, se embriagam na solidão populosa do labirinto da cidade. Em *O Pintor da Vida Moderna*, Baudelaire descreve o que para ele seria o perfeito *flâneur*:

*A multidão é seu universo, como o ar é o dos pássaros, como a água, o dos peixes. Sua paixão e profissão é desposar a multidão. Para o perfeito flâneur, para o observador apaixonado, é um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidivo e no infinito. Estar fora de casa, e contudo sentir-se em casa onde quer que se encontre; ver o*

*mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto ao mundo, eis alguns dos pequenos prazeres desses espíritos independentes, apaixonados, imparciais que a linguagem não pode definir senão toscamente (BAUDELAIRE, 1996b).*

Já para João do Rio, flunar é tão somente ter “o vírus da observação ligado ao da vadiagem”:

*A fim de explorar os “estados de alma” [...], é preciso ter espírito vagabundo, cheio de curiosidades mal-sãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível, é preciso ser aquele a quem chamamos flâneur e praticar o mais interessante dos esportes – a arte de flunar (RIO, 1951:11-12).*

Pelo que pudemos notar em nossas primeiras análises, tanto Baudelaire quanto João do Rio, buscam na própria modernidade o seu antídoto. Se deixam levar pelas ruas, pela multidão, pelos vícios, pelas noites agora iluminadas; muitas vezes fantasiados de dândi, apache, trapeiro, flâneur. Encontram na ironia, na moda, nos bordéis, no ópio, no vinho, no lirismo dramático, na poesia ou em forma de crônica, uma maneira de dar voz e vida a cidade. Cada um a seu modo, cada um com uma “missão literária”, desvendam pouco a pouco, e de maneira inebriante, os segredos da cidade moderna.

## **Referências**

### **Fontes**

BAUDELAIRE, Charles, *Ouvres*, 2 volumes, Paris, *Bibliothèque de La Pléiade*, 1931/1932.

BAUDELAIRE, Charles. *A modernidade de Baudelaire*. Apresentação e seleção de Teixeira Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna*. Organização de Teixeira Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Tera, 1996b.

BAUDELAIRE, Charles. *Pequenos Poemas em Prosa (O Spleen de Paris)*. Tradução de Dorothée de Bruchard. São Paulo: Hedra, 2010.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Organização de Raúl Antelo. São Paulo: Companhia da Letras, 1997.

RIO, João do. *Vida Vertiginosa*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1911.

RIO, João do. *História da gente alegre*. Rio de Janeiro, José Olímpio.

## **Obras de Referência**

### **Gerais**

BAJU, Anatole. A verdade sobre a escola decadente [1887]. In: MORETTO, Fulvia M. L. (Org.). *Os caminhos do decadentismo francês*. São Paulo: Perspectiva: USP, 1989

BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. SP: Companhia das Letras, 2001.

BOURGET, Paul. Teoria da decadência In: MORETTO, Fulvia M. L. (Org.). *Os caminhos do decadentismo francês*. São Paulo: Perspectiva: USP, 1989

CHIAMPI, Irlomar (Coord.) *Fundadores da Modernidade*. São Paulo: Ática, 1991.

COELHO, T. *Moderno Pós-moderno*. Porto Alegre: L&PM, 1987.

SEVCENKO, Nicolau. *A literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

VENEU, Marcos Gurdes. O flâneur a vertigem: metrópole e subjetividade na obra de João do Rio. *Estudos Históricos*, São Paulo, v. 3, n. 6, p. 229-243, 1990

### **Sobre João do Rio**

CAMILOTTI, Virgínia. *João do Rio e/ou Paulo Barreto: a construção de uma imagem*. 1997. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

CAMILOTTI, Virgínia. *João do Rio: idéias sem lugar*. Uberlândia: EDUFU, 2008.

### **Sobre Charles Baudelaire**

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. 1. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. – (Obras Escolhidas III; v. 3)

BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX. In: KOTHE, Flávio R. (Org.). *Walter Benjamin*. São Paulo: Ática, 1985.